



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

VIDA XAVIER DE AMORIM KHAYAT

MATRIARCADAS: A PARTIR DE MEMÓRIAS DE AVÓ, MÃE E EU.

Belém - Pará

2026

VIDA XAVIER DE AMORIM KHAYAT

MATRIARCADAS: A PARTIR DE MEMÓRIAS DE AVÓ, MÃE E EU.

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela prof(a) Dra Valéria Frota de Andrade, apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Teatro.

Orientador(a) prof(a) Doutora Valéria Frota de Andrade

Belém - Pará

2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

K45m Khayat, Vida Xavier de Amorim
 Matriarcadas: a partir de memórias de avó, mãe e eu / Vida Xavier
 de Amorim Khayat. 2026.
 51 f.

 Orientadora: Profa. Dra. Valéria Frota de Andrade.

 Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
 Licenciatura em Teatro, Belém, 2026.

 1. Representação teatral. 2. Teatro documental. 3. Etnocenologia.
 4. Criação (Literária, artística etc.). I. Título.

CDD - 23. ed. 792.028

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO



ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo dia do mês de julho de dois mil e vinte e seis, às dezessete horas, reuniu-se na Sala 04 da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelas docentes: Prof.^a Dr.^a Valéria Frota de Andrade (Orientadora e Presidente), Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinadora), Prof.^a Dr.^a Adriana Maria Cruz dos Santos (Examinadora) e Prof.^a Dr.^a Olinda Margaret Charone (Examinadora) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, da graduanda VIDA XAVIER DE AMORIM KHAYAT, matrícula 201911240025, intitulado: "MATRIARCADAS: A PARTIR DE MEMÓRIAS DE AVÓ, MÃE E EU".

O trabalho apresentado foi Aprovado, e obteve o conceito Excelente, com as seguintes observações com recomendação de publicação e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 10 de julho de 2026.

Prof.^a Dr.^a Valéria Frota de Andrade
Orientadora e Presidente

Prof.^a Dr.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Adriana Maria Cruz dos Santos
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Olinda Margaret Charone
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Não sei muito bem por onde começar esse texto, tampouco o que quero falar em totalidade. Parece que existem muitas coisas para se dizer e, com isso, tudo será insuficiente. Por partes então, vou começar essa mensagem – e o que não for dito aqui, procurarei exercitar ao falar cara a cara com cada um. À minha tia Ivone e às minhas primas Carolina e Vitória, deixo aqui os vários “eu te amos” e “obrigadas” que eu não soube retornar tão bem em mais de um ano morando com vocês. Os dias são serenos e tremendamente alegres – mesmo com os ataques da Fafá –, e não sou capaz de mensurar a gratidão por tudo que vocês fazem por mim, a cada novo acordar. Aos meus irmãos Karime, Salim, Emma, Bruno e Rafael, agradeço por acordar todos os dias tendo vocês em minha família. Ao Rafael, em especial, sou grata pelas tantas vezes em que me amparaste, no teu jeito especial de “puxão de orelha”. Aos meus padrinhos, Ivaldo e Regina, deixo aqui também a gratidão pelo carinho, amor e apoio transmitido com o passar dos anos. Também deixo aqui registrado o meu amor profundo por minha família, sendo grata por diversos momentos e aprendizados que tive na minha vida.

Aos meus amigos, sou profundamente agradecida por estarem comigo, além do quanto transmitiram apoio e confiança no meu potencial. Em especial para Ana e Joyce, obrigada pelos dias onde me encontrei travada ou desencorajada e vocês me receberam em suas casas para estudarmos juntas, ou foram até a minha casa para me fazer companhia. Ao Lucas Mendes, obrigada por acreditar e enxergar algo tão bonito na minha pessoa, quando eu mesma não conseguia me visualizar dessa forma. À Vivian, agradeço imensamente por ter me ajudado na produção do querido poste do *MaTRIarcadas*. À Yasmim e ao Guilherme, obrigada por serem pessoas novas maravilhosas que eu conheci nesse processo, além das mesas de RPG e encontros que, por algum motivo, me deixavam inspirada para escrever ou fazer algo. Estendo essa mensagem para o grupo *Pongaspingas* e todos os seus integrantes, assim como aos meus amigos da Siga Canto, que me trouxeram alívio na música. Ao Luquinhas Rodrigues e à Gabs Almeida, obrigada por estarem comigo nessa caminhada na ETDUFPA e serem amizades que eu fiz para toda a minha existência.

Para minha turma de 2019, meus professores e demais corpo docente do curso, meu “obrigada” por tantas aulas, encontros, saberes compartilhados e por não somente me formarem enquanto aluna, mas também a pessoa que hoje sou.

Ao meu pai, Checralla, e à minha avó, Olga, deixo aqui meu “eu te amo” eterno. Obrigada por terem feito parte da minha vida – os levarei eternamente comigo.

Por fim, para minha mãe, Ivana, e para a minha avó, Raimunda: para vocês, deixo aqui este trabalho. Obrigada por terem me inspirado. Com amor,

Vida.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se caracteriza por um Memorial Descritivo, onde o processo de elaboração resultou em uma Dramaturgia Pessoal que abordou as vivências familiares e femininas da autora, caracterizadas pelas figuras de sua mãe e de sua avó. Nessa etapa de criação e desenvolvimento, para além do aspecto interdisciplinar do trabalho, originado a partir de um projeto de Etnocenologia que abordou o Igarapé do sítio da avó, e progredindo gradualmente enquanto se cursava diferentes matérias do curso de Licenciatura em Teatro, também se estudou referenciais que tratavam diretamente dessa vertente de um teatro documental a partir de *Autoescrituras Performativas: Do Diário à Cena* (2017), da autora Janaina Fontes Leite, literatura com vivências femininas e geracionais com *Uma Delicada Coleção de Ausências* (2025), de Aline Bei, e do potencial criativo a partir das águas dos rios com Ailton Krenak, em *Futuro Ancestral* (2022), com a imagem do Igarapé norteando todo o processo de visualidade da encenação. Como resultante desse desdobrar, se originou a dramaturgia completa do *MaTRlarcadas*, além dos aspectos visuais e corpóreos para sua cena, se traduzindo na apresentação completa.

Palavras-chave: Dramaturgia Pessoal. Teatro Documental. Femininas. Familiar. Águas.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura I - Imagem do Igarapé.....	10
Figura II - <i>A Golden Thread</i> , de John Melhuish Strudwick.....	14
Figura III - <i>Por Um Fio</i> (1976), de Anna Maria Maiolino.....	15
Figura IV - Ilustração do início da dramaturgia, com as três mulheres compondo a cena.....	17
Figura V - Ilustração do final da dramaturgia, com laço amarrado.....	17

SUMÁRIO

1. ORIGEM DO TEMA.....	8
2. REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	11
3. VISUALIDADE.....	13
4. MÃE E AVÓ NA DRAMATURGIA.....	18
5. ATUAÇÃO E PERFORMATIVIDADE.....	21
6. DRAMATURGIA.....	24
7. REFERÊNCIAS.....	49

ORIGEM DO TEMA

Em 2021, no componente curricular de Etnocenologia, identifiquei enquanto fenômeno espetacular em minha vida o Igarapé presente no sítio de meus avós maternos, situado na Vila de Apeú, no município de Castanhal. Na primeira aula da matéria, ministrada pela professora Cláudia Palheta, foi revelado à turma que seria realizada uma apresentação ao final do semestre letivo da nossa criação oriunda desse fenômeno, sendo nos dado uma liberdade artística do que poderia ser feito. Com uma associação quase imediata, produzi – no mesmo dia – um poema acerca do local, disparada pelas sensações que me transmitia o contato com a água e o ambiente, além das memórias preservadas com o passar dos anos, tendo o visitado constantemente enquanto crescia.

Krenak inicia *Futuro Ancestral* (2022) abordando a história e o viver contido nas águas por meio dos rios – sendo *origem* e também *potencial futuro* em qualquer lugar – afirmando que “os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugere que, se há um futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (2022, p. 11). Trazendo esse pensar, consigo associar a visão ao Igarapé, que se forma enquanto braço menor de rio, como uma espécie de viela em constante transformação, testemunhada por registros fotográficos, em vídeo e na própria memória, sendo um espaço de acesso temporal e nostálgico, o que se refletiu no meu processo.

Nas salas de aula, as crianças escutam que uma das civilizações mais antigas do mundo nasceu no delta do Nilo, no Egito, cujas águas irrigam suas margens propiciando condições para a agricultura – essa ideia civilizatória. Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d’água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles (KRENAK, 2022, p. 12-13).

Na produção do texto, obtive impulsionadores embrenhados de maneira prévia na minha mente. Tendo a palavra Água como um substantivo feminino e possuindo como figura central na minha família materna a minha avó, Raimunda Xavier de Amorim, escrevi o poema falando da Água do Igarapé no feminino, remetendo à passagem de tempo e na importância para a família em diferentes gerações – sendo ela “neta, filha, sobrinha e irmã”. Ademais, curiosamente se atrela um destaque na família para as figuras femininas, quando se comparadas aos homens, por parte de algumas pessoas que não fazem parte, mas possuem um contato com os Xavier de Amorim.

Dessa maneira, procurei traduzir os estímulos e as emoções que me eram trazidas, através do contato com a correnteza, que chegava em mim enquanto acalento e carinho de um colo, sendo um ambiente repleto de afeto geracional e que me transmitia o sentimentalismo requisitado na matéria, como um objeto espetacular. Da mesma forma, presumi que seria algo passível de reconhecimento por parte da minha família quando lido, tendo apresentado para a minha mãe e perguntado se ela conseguia identificar do que se tratava – com sua resposta sendo um “sim”, registrado no diário de bordo do módulo. Assim, pude atestar que o Igarapé, de fato, se configurava em algo espetacular que reverbera entre familiares.

A correnteza que te leva

e leva

E te traz de volta

e volta

Te acalenta, cuida e consola

Como um carinho que parece vir de um colo

No presente que puxa o tempo

e, assim, vai e te molda

Um acalento que vai pelo corpo

contínuo, se deixar

Toca no topo, no pé

como nada mais pode acariciar

Água correu, corre correrá

Água veio, vem, virá

Água te viu no princípio, na manhã

Água que é neta, filha, sobrinha e irmã

Me permita, me conceda

Se quiseres viver, conviver com a minha presença

Só da tua vontade eu dependo

Eu, aqui, te peço licença

Figura 1 - Imagem do Igarapé.



Fonte: Fotografia da própria autora.

O desenvolvimento deste trabalho me tocou profundamente, guardando recordações gratificantes e recebendo comentários emocionados de familiares, vindos de minha tia Ivelise e minha avó. Ao iniciar a disciplina Seminário de Pesquisa, no segundo semestre de 2023, acabei identificando – a partir do poema do Igarapé, após decidir que gostaria de fazer um projeto referente a ele – curiosidades em relação à temporalidade e minha árvore genealógica, vindo de um lugar onde a água se torna essa nascente de histórias e corrente do tempo, a partir de Krenak. A partir dessa mentalidade, observei que minha mãe, Ivana Márcia Xavier de Amorim, havia me tido nos seus 33 anos de idade, tendo ela nascido quando minha avó, Raimunda Xavier de Amorim, tinha 32 anos – ou seja, as três figuras, de três gerações diferentes, tinham idades separadas por três décadas. Com isso em mente, percebi que abordar temáticas voltadas para vivências femininas – em especial, para as diferenças culturais e comportamentais em suas respectivas épocas, além de lutas e opressões existentes – através de minhas experiências e das de minha mãe e minha avó era um caminho possível.

Ademais, também me possibilitaria trabalhar com conflitos geracionais e de relações *em cena*, a partir do pressuposto de como a visão de uma pessoa pode ser moldada a partir do tipo de relação que ela estabelece – ou deixa de estabelecer – com a sua família, tendo experiências reais entre as três componentes – e outras figuras em suas vidas, como pais e cônjuges – de meu projeto diretamente mencionadas. Isso se desenrolará não apenas entrando

no aspecto do *molde* de cada pessoa com base nessas influências externas, mas também trazendo conflitos resultantes de *novas perspectivas* do mundo ao redor, da reação a se ouvir relatos passados e de mágoas pessoais, que podem perdurar desde a infância e serem percebidas no comportamento para com outras pessoas – até mesmo com outros familiares.

Decorrente desse raciocínio, desenvolvi o pré-projeto denominado *MaTRIarcadas: A Partir de Memórias de Avó, Mãe e Eu*, com a intenção de trabalhar acerca dos tópicos discutidos previamente por meio da criação de uma Dramaturgia Pessoal. A proposta foi aprovada no componente Seminário de Pesquisa, em 2023, com a tutoria do professor Edson Fernando Santos e orientação da professora Valéria Andrade.

MATRIARCADAS

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Após sua aprovação em Seminário de Pesquisa, o projeto, de início, iria destinar os seus primeiros momentos para uma coleta de informações acerca das vivências das outras duas componentes principais: minha avó e minha mãe. Com a orientação da professora Valéria, a partir da leitura de *Autoescrituras Performativas: Do Diário À Cena* (2017), de Janaina Fontes Leite, pude ter uma noção de como abordar e produzir dramaturgias pessoais, com base também em relações afetivas, atravessamentos geracionais e conflitos que tangem esses laços, com a autora abordando as produções das obras *Festa de Separação: Um Documentário Cênico* (2009), na qual ela e seu – até então – esposo levavam seu divórcio para a cena e testemunho do público, e *Conversas Com Meu Pai* (2014), no qual a atriz relata sua relação atravessada por conflitos com sua figura paterna – uma premissa que dialogava mais diretamente com a proposta do *MaTRIarcadas*.

Abordando os aspectos que englobam o desenvolvimento do bibliográfico e pessoal no teatro, Janaína traz – em um dos capítulos iniciais, denominado “Em Primeira Pessoa” – questionamentos acerca de como “acoplar” esse lugar do real e das relações para o palco. A partir de referências, como a performance *The Great Wall*, de Marina Abramovich e Ulay, e com um grupo denominado “Possibilidades Para Uma Cena Documental” – formado por pessoas de diversas áreas trabalhando nas reflexões –, a autora disserta e traz inúmeras perguntas que atravessam tal pesquisa – como até onde vai o documental e onde entra o ficcional, as limitações da área e como eliminá-las.

Como o real pode atravessar a cena teatral? Como trazer para o teatro a experiência documental? Quais os recursos possíveis para fazê-lo? Quais

implicações estéticas dessa operação? Quais são as possibilidades de aprofundamento e sofisticação no uso do material documental e do ficcional? Como transitar nos limites entre esses materiais? Como apagar esses limites? Essas eram algumas das questões que norteavam o trabalho (LEITE, 2017, p. XVII).

Tais questionamentos adentravam em minha própria reflexão sobre a dramaturgia de *MaTRIarcadas*, em especial no que se referia ao que entraria na escritura, em minha cena e outras relacionadas à validação da própria razão do trabalho. Me perguntava também sobre as maneiras existentes de abordar conflitos, dores e questões que, possivelmente, ainda não estavam resolvidas – algumas delas, inclusive, não sendo propriamente minhas, mas de minha mãe ou de minha avó. Além disso, o aspecto documental iria permear não somente o passado das três figuras do trabalho, mas lugares presentes e que também dizem respeito a visões para o futuro. Se tratando propriamente do teatro, então, sempre se deve levar em consideração o aspecto “interminável”, pois cada apresentação pode lhe trazer visões ou conclusões variadas de um acontecimento, mesmo algo da própria realidade – tanto de quem assiste quanto de quem está ativamente envolvido.

Seguinte a isso, a escritura toca em determinadas reflexões no que tange à formatação de uma produção autobiográfica encenada. Perpassam métodos e ensinamentos, de certa maneira, coletivizados, seja no campo da memorização, na utilização de diários ou em outras formas de arquivos e modos de “capsular” o que for possível de memória – tendo em mente os debates relatados no livro no campo da psicologia sobre a possibilidade de alteração destas, ao longo da vida, até involuntariamente. Com isso, apesar das sugestões e dos referenciais citados, seja por produções antigas ou pelo próprio relato da autora, é inserido o aspecto de individualização do processo, no qual há a legitimidade e permissão para adotar práticas que mais estejam de acordo consigo – e no que se deseja fazer.

Defini que, em minha pesquisa, tomaria por base histórias que já eram do meu conhecimento – que também nortearam meus gatilhos pessoais e motivações para escrever –, além de outras informações que seriam coletadas por meio de conversas com as duas figuras em questão – e outros familiares que pudessem me ajudar. Considerando a quantidade de matérias que ainda precisaria fazer no curso, trabalhei gradualmente nisso – no canto da minha mente, mas sempre presente nas minhas obrigações.

Além disso, continuando na escrita e na pesquisa, encontrei guardado em meu celular vídeos antigos, que datam desde o ano de 2019, de minha avó, minha mãe e do Igarapé, em interações e conversas casuais. Apesar de não ser algo produzido ou gravado com esse intuito, decidi que os utilizaria no trabalho, seja na própria dramaturgia ou como parte dos fragmentos

iniciais em gravações de voz. Entretanto, desses arquivos eu retiraria o que *faria sentido*, na minha visão, incluir no *MaTRIarcadas*, tendo em mente que, ao contrário das entrevistas – onde fiz perguntas centradas em coisas que pretendia incluir –, esses vídeos tratavam de situações cotidianas, como jogos de canastra ou diálogos enquanto minha mãe e minha avó estavam deitadas – juntas – em uma rede, e continham conversas que precisariam ser analisadas para selecionar o que iria aproveitar.

Esse ação de *destrinchar* arquivos antigos para se utilizar – de acordo com o próprio interesse do autor – no produto também é diretamente citado por Leite em diversos momentos de sua obra. Ela comenta sobre o ato de “recomposição” de materiais antigos, levando a se ter um “trabalho” nessa produção. Considerando que a constituição de memória está presente nesses *materiais enquanto arquivos* – citando não apenas imagens, estáticas ou móveis, como também objetos reais ou as próprias pessoas –, a obra legitima o uso desses vídeos e de objetos que disparem o *relembra coletivo familiar* das três mulheres na dramaturgia – como em canções, que carregam um peso histórico na sua execução ao remeter a alguém ou uma época específica, o que acontece nas relações em questão.

VISUALIDADE

Partindo para o aspecto conceitual – e também, prático – do trabalho, me encontrei em entraves de *como* abordaria as variadas temáticas e vivências que tinha angariado com o passar do tempo e já conhecia. Sabia que também gostaria de levar minha mãe e minha avó para a cena, mas, para além disso, não conseguia *visualizar* como fazer isso ou de que forma abordar as informações coletadas e como criar um sentido. No entremeio disso, minha avó passou por um período turbulento após ser descoberto um edema no seu cérebro, necessitando de operação e um tempo para sua recuperação. Em seguida, minha mãe também se mudou, em definitivo, para fora do país em março de 2025 – fazendo com que eu precisasse realizar pequenas reformulações no projeto.

Assim, adentrei no componente curricular de Exercício de Encenação III: Visualidades, buscando soluções para os problemas que me ocupavam: como trabalhar essas ligações familiares e diferenças geracionais na dramaturgia, além de conseguir trazer as outras duas figuras para os “holofotes”. Após a primeira aula, tirei um momento para conversar com a professora Adriana Cruz, informando da problemática, meu disparador do Igarapé e de não possuir “nada”, mesmo após ter destinado tempo para uma coleta de informações. No retorno, fui informada por ela de que já possuía “tudo” para prosseguir com o meu trabalho. Tendo esse

choque de realidade, a professora me ofereceu disparadores interessantes a partir do número três – que já era destacado no nome do projeto –, o aspecto elemental – no qual cheguei à conclusão de ser a água – e de como ela havia associado essa trindade formada no trabalho às Moiras da Antiga Grécia – onde a primeira gera o fio da vida, outra o estica e a última o corta. No mesmo raciocínio, a professora Adriana também me apresentou uma fotografia da artista plástica Anna Maria Maiolino chamada de “Por Um Fio” (1976), onde ela está sentada juntamente à sua mãe e sua filha, e um fio conecta as três pela boca, simbolizando a ligação familiar e geracional.

Figura 2 - *A Golden Thread*, de John Melhuish Strudwick.¹



Fonte: Site Mitologia e Fantasia.

¹ Disponível em: < <https://mitologiaefantasia.wordpress.com/2016/07/23/moiras-as-irmas-que-determinavam-o-destino/> >. Acesso em: 22 jun. 2026.

Figura 3 - *Por Um Fio* (1976), de Anna Maria Maiolino.²



Fonte: Site Neofeed.

Tendo esses disparadores e significações colocados para mim, recordei imediatamente do aspecto *linear* e *familiar* de meu trabalho, onde o *fio* que conecta a minha pessoa às demais figuras representadas tem um nome bem definido – cordão umbilical. Dessa forma, avaliei de que forma poderia representar – visualmente – esse aspecto de “liga” que, por momentos, pode significar uma conexão *positiva*, um aspecto de continuidade de história, mas que também propiciava cargas que poderiam se configurar *negativas*: aspectos educacionais que não desejamos manter, dores passadas que são compartilhadas e sentidas, entre outras questões que propiciavam um *fardo*, reverberando de maneiras indesejadas.

A partir disso, optei pela utilização de um novelo de lã, do qual o fio seria puxado e amarrado ao meu corpo, tendo seu comprimento estendido com o decorrer da apresentação. A ideia central seria atrelar a duração da dramaturgia e as histórias contadas – sejam elas de conexões, arrependimentos, alegrias ou tristezas – com a extensão do fio, ficando cada vez maior, “carregado” *de* e *por* questões emocionais para as três mulheres. O fio também permite diversas movimentações e usos cênicos, podendo representar outras coisas além do seu significado original e ser utilizado em outras partes do corpo, além de onde ele foi previamente amarrado – até o fim da encenação.

² Disponível em: < <https://neofeed.com.br/finde/a-franqueza-e-o-compromisso-etico-de-anna-maria-maiolino/> >. Acesso em: 22 jun. 2026.

Tendo isso em mente, além de pensar no aspecto de movimentação e significados possíveis, o local onde o fio seria amarrado ficou definido como o tornozelo e bem próximo ao pé, sendo uma indicação da influência também no *caminhar* de minha própria trajetória – mesmo que de maneira involuntária. A locomoção pelo ambiente, com o fio crescendo e se enrolando, seria gradual, e a escolha por deixar próximo ao chão ajudaria a não atrapalhar o trabalho corporal, de modo a não se prejudicar dentro da proposta. Isso só seria alterado no final da dramaturgia, com esse grande fio sendo cortado em um pequeno pedaço, dentro daquele enorme amontoado, sendo utilizado para amarrar um laço nesse mesmo tornozelo.

Dentro da paleta de cores, pensou-se em, majoritariamente, manter a conexão do trabalho e das mulheres ao Igarapé, algo já explorado no projeto de Etnocenologia. Com base nessa origem, optou-se pela utilização de cores que remetessem às águas da correnteza do local, mas que também trouxessem um aspecto único e pessoal. Assim, ficou definido, principalmente, pelo laranja – que é mais vibrante e destacado, além de remeter a uma *vida* e outros elementos no sítio em Apeú, como a casa e flores – no fio e nos figurinos, permeado por tons mais “barrentos” na maquiagem e nos trajes.

No decorrer da matéria de Visualidades, foram criadas duas ilustrações que nortearam o processo do trabalho e a dramaturgia, no geral. A primeira imagem continha as três mulheres, com a minha avó colocando o novelo de lã na estrutura, minha mãe puxando o fio para colocar no meu pé e eu, parada. Isso ficou definido como o *início* da encenação, o que direcionou os gatilhos criativos para a escrita. A segunda imagem continha o desenho de um pé, observado de maneira próxima e por trás. Nele, um laço aparece amarrado ao tornozelo, sendo definido como o *final* de *MaTRIarcadas*, o ponto de chegada do processo.

Figura 4 - Ilustração do início da dramaturgia, com as três mulheres compondo a cena.



Fonte: Feito pela própria autora.

Figura 5 - Ilustração do final da dramaturgia, com laço amarrado.



Fonte: Feito pela própria autora.

Como mencionado previamente, esse laço será oriundo e cortado do próprio fio do novelo de lã utilizado, pretendendo indicar um processo de *separação* de aspectos que desagradam e cargas que não se desejam manter, mas ainda mantendo um *vínculo*. Durante a matéria, em apresentações, foi questionado o motivo da ação e de se amarrar no pé um trecho, se não seria o caso de suprimir isso. Respondi que visualizo família – e também outras relações e âmbitos do mundo – como não sendo intrinsecamente algo positivo ou negativo na vida de

uma pessoa. Existem ligações, aprendizados e formações que são inegáveis no crescer e no viver, sendo a família – possuindo ou não uma conexão sanguínea – fundamental na visão de mundo, sejam esses aprendizados mantidos ou não.

Dessa maneira, o “corte” seguido do “laço” simboliza o rompimento com visões e aspectos de outras gerações que *não desejo* manter, somado ao amor e carinho para com minhas antepassadas, que foram fundamentais para minha chegada – e os saberes que *desejo* levar para a minha vida, enquanto filha, neta e mulher. Assim, as duas ações se mostram como imprescindíveis na finalização da cena, sendo ambas sinalizadores visuais de intenção, além do caminho que desejo percorrer, de agora em diante, com meus próprios passos.

Tendo essa linearidade de narrativa definida, ficaram definidos os elementos cênicos do novelo de lã para o fio, um poste de madeira que servirá de apoio para ele ser colocado por minha avó no início da cena – sendo ela a figura “inicial” da linhagem, entre as três pessoas presentes – e a utilização da cor laranja tanto no fio quanto nos figurinos das mulheres, sendo a cor definida não só por remeter ao tom barrento da água do igarapé, mas também por trazer algo mais vívido do afeto e da conexão existente, tocando nesse lugar do carinho e da memória – algo que já estava presente desde o pré-projeto. Além disso, duas cadeiras de madeira, onde elas ficariam sentadas durante a apresentação, após essas marcações iniciais. Apesar das referências que seriam mencionadas no texto cênico, optou-se por não sobrecarregar o trabalho de objetos para a cena, preferindo utilizar mais do corpo e trazer o destaque para as cores e esse fio presente, que seria utilizado de diferentes maneiras, sendo uma proposta mais ligada ao *Teatro Pobre*³, a partir da pretensão de se ter um espaço cênico mais “limpo”, destacando a corporeidade presente.

MÃE E AVÓ NA DRAMATURGIA

Definir os aspectos conceituais primeiramente pela visualidade do projeto me permitiu ter esse *desbloqueio* acerca da própria escrita do *MaTRIarcadas*, conseguindo visualizar não somente esse início e fim mencionados a partir da linha, como também ações existentes e interações possíveis. Para além dessas condições descritas de minha avó e minha mãe e suas distâncias físicas, me encontrava necessitando trabalhar e adaptar o projeto para a colaboração de duas *não atrizes* ou *experts*, algo também descrito por Leite e existente em suas produções com o esposo e o pai.

³ Termo criado pelo encenador polonês Jerzy Grotowski na década de 1960, que se refere ao teatro centrado no trabalho do ator.

Os *especialistas* são os portadores de sua própria experiência real e podem, portanto, se ocupar de trazê-la para a cena, sem que isso pressuponha uma habilidade técnica – vocal ou corporal – própria de um trabalho de ator (essa inabilidade faz, inclusive, parte do jogo nessas encenações). Em *Deadline* (2003), por exemplo, o tema da morte é colocado em cena com depoimentos de três pessoas que têm profissões relacionadas diretamente ao assunto, como, por exemplo, uma violinista que toca em funerais (LEITE, 2017, p. 40).

Tendo conhecimento do conceito a partir da leitura, entendi cedo que precisava *reduzir* a carga de trabalho das duas para trazê-las para a cena e manter a dramaturgia fluida. Assim, optei por centrar o texto num monólogo meu, no qual abordaria também as experiências de minhas antecessoras. Entretanto, elas ainda estariam presentes fisicamente em cena – na maior parte do tempo sentadas ao fundo testemunhando tudo – e ainda gostaria de deixar um espaço para existir suas *vozes*. Com isso, requisitei que elas escrevessem textos falando de suas vidas ou o que elas gostariam de abordar, lidos por elas em momentos específicos da apresentação final. Essa organização permitiu que uma reunião e ensaio entre as três integrantes pudesse ocorrer com mais tranquilidade, tendo menos marcações em cena, necessidade de interação e ainda propiciando a aparição de todas.

Ainda assim, mesmo na redução de ações diretas no *MaTRIarcadas*, as memórias e cargas de Raimunda e Ivana ainda seriam a chave central do projeto, sendo suas presenças o argumento central. Torna-se importante compartilhar com o público, a todo momento, não somente essas suas histórias como também o *meu pensar acerca delas*, como na maneira que suas vidas também me moldaram e me trouxeram para aquele momento, além de situações que me tocam profundamente. Trazendo esse lugar das relações e do “existir enquanto mulher”, que adentra em locais muito íntimos, há diferenças de pensamentos e conflitos geracionais mencionados, além de vínculos e *confidencializações* existentes nessas relações – assim como todas as outras do mundo. O livro *Uma Delicada Coleção de Ausências* (2025), de Aline Bei, trabalha com o protagonismo de uma neta, sua avó e sua bisavó, tratando suas conexões familiares – seja na presença ou ausência física –, ao mesmo tempo em que aborda esse *ser mulher*, em diferentes faixas etárias e momentos, através de tópicos extremamente sensíveis nos quais, por momentos, a autora deixa para a interpretação do leitor algumas *confirmações*.

Laura ri. Margarida lhe devolve um olhar preocupado, mas o riso vence, *Se va enredando, enredando, como en el muro la hiedra, Y va brotando, brotando, como el musguito en la piedra, como el musguito en la piedra Ay sí sí —*, elas gargalham. Margarida seca as lágrimas e Filipa aparece no corredor. Laura se levanta, puxa a avó e elas dão voltas e mais voltas em torno da mesa com os braços esticados, como nos bailes de antigamente. Filipa ri, bate com a bengala no piso, e naquele instante estão lindas, lindas; as três formam uma única imagem, que de tão brilhante parece um brinco, que caiu da orelha de

Glória mais à frente, e agora estavam ali. de tão pequenas, jamais seriam encontradas (BEI, 2025, p. 210).

Esse aspecto do “não didatismo” necessitaria estar presente na minha dramaturgia, de modo que essas memórias e situações seriam levadas e colocadas em cena também com a naturalidade em que se conversa e conta algo para alguém, como em uma situação cotidiana. No entanto, ao contrário do livro mencionado, onde existe o ponto de vista das protagonistas presentes em diferentes capítulos – com um narrador contando o que se passava na cabeça e vida de cada uma –, o *MaTRIarcadas* ficaria, na maior parte do tempo, somente com o meu monólogo, ainda que se abrissem essas brechas para minha mãe e minha avó também poderem estar nessa posição.

Um outro referencial de declamação de texto foi encontrado no espetáculo *Ô De Casa: Posso Entrar Pra Cuidar?*, do qual acompanhei diversas apresentações da segunda temporada, iniciada no segundo semestre de 2025, nas funções de *filmmaker* e *social media* do grupo O Teatro Dadivoso. Na sua escrita, a obra perpassa por histórias reais de suas atrizes – atualmente na composição de Olinda Charone, Marluce Oliveira e Ivone Xavier – e famílias, indo de pais a avós. Dispostas em círculo e sentadas em meio ao público, as atrizes contam os relatos como em uma conversa natural, independentemente de quem se encontra na plateia – apesar de, em determinadas ocasiões, suas emoções no dia ficarem evidenciadas na apresentação, sem perder o cerne e sentimento central do argumento. Com a minha intenção de relatar essas vivências de três mulheres diferentes e abordar coisas que *me concernem*, trazer essa abordagem onde se procura uma *naturalidade* nas ações parecia ser o caminho mais propício, pois se acomodaria aos corpos que trabalharão comigo – algo que será melhor destrinchado em tópicos seguintes –, ao mesmo tempo em que não se subestima o público – e sua percepção.

Contudo, se faz importante também mencionar que trazer essa realidade familiar e feminina – na qual se encontram inúmeros episódios que propiciam uma tristeza na sua rememoração – de outras duas pessoas me gerou certos desconfortos na própria escrita e desenvolvimento do projeto. Apesar de não terem ocorrido conflitos com elas, muito por conta de se procurar uma comunicação e exposição do processo do trabalho para as duas, ainda assim ocorria uma hesitação de *até onde* era possível escrever e o que poderia ser contado para uma plateia, partindo desse lugar do teatro enquanto documental. A partir desse pensamento, se faz importante frisar a necessidade de procurar, em um trabalho onde se deseja respeitar a memória de minha mãe e minha avó, também respeitar suas vontades em uma dramaturgia que, em minha mentalidade e escrita, era igualmente pertencente a elas. Dessa forma, mantive a linha narrativa

nos relatos angariados em conversas, sejam novas ou dos antigos arquivos, e nos textos que elas me entregaram posteriormente.

Com relação também ao aspecto de divisão dramática – como em atos –, optei por iniciar com aspectos mais introdutórios e “leves” das três mulheres, para no segundo momento trazer esses fatos mais duros de suas realidades. Mediante isso, optei por chamar esses atos de “Vivo” e “Morto”, em referência ao jogo de canastra, muito praticado por minha avó. Entre esses espaços, ficou definido que seria o momento de fala de Ivana e Raimunda, sendo os textos escritos por elas mesmas – contendo o que elas gostariam de compartilhar com o público – e inseridos no *MaTRIarcadas*.

ATUAÇÃO E PERFORMATIVIDADE

Seguindo o trabalho de encontrar uma naturalidade na escrita da dramaturgia e na entrada de tópicos, procurou-se trazer uma coerência também para o desenvolvimento da atuação e expressão corporal. Partindo do princípio de que o *meu* corpo e *minhas* histórias estariam em cena, juntamente às outras duas figuras, trazer conceitos e exercícios nos quais se encontrava o corpo de alguma personagem ou figura alheia à minha pessoa não parecia fazer sentido nesse momento, sendo até um equívoco do que era pretendido transmitir com o *MaTRIarcadas*. Portanto, se via necessário escapar de “armadilhas” do Teatro que acabariam por entrar meu trabalho, além de criar uma tensão ou estranheza de coisas que me são extremamente familiares.

Janaina Leite também trata dessas questões em *Autoescrituras Performativas*, ao refletir que esse aspecto de *não construir* um personagem e ir para a cena se demonstra quase como uma – até determinados limites – *não-representação*, já que está revisitando história real e situações próprias daquela existência, onde “o corpo, a fala, se expõem então como corpo e fala autênticos” (LEITE, 2017, p. 95). Ademais, a autora destaca que o interesse por aquela espécie de apresentação se centrava intensamente nesse realismo e a possibilidade de adentrar no cerne dessas pessoas e de suas relações em cena, o que ocorria em suas duas produções, caracterizadas como Teatro Documentário. Dessa forma, se percebe que o corpo “real” presente – mesmo que venha a ocorrer a preparação para a cena – e a aproximação causada por esses tipos de produções são fortes atrativos, sendo interessante que se opte por essa proposta cênica e composição na preparação.

Retomando nosso objeto de análise, é impossível não perceber que o que singularizava nossas presenças em cena no espetáculo *Festa de Separação* nada tinha a ver com o interesse depositado comumente numa personagem

ficcional. Ainda que eu seja atriz, a minha “performance” ali não se baseava na minha competência enquanto tal. Posso dizer que, talvez, isso até atrapalhasse, já que a competência de uma atriz poderia me conferir um certo conforto em cena que é menos empático do que a precariedade da presença de um não ator que parece não dominar completamente aquela situação (LEITE, 2017, p. 96).

Continuando nesse âmbito do corpo “real” presente contando suas histórias, o aspecto preparatório de *Ô De Casa: Posso Entrar Pra Cuidar?* novamente se mostrou como um exemplo interessante de se seguir, por se alinhar ao que estava sendo pesquisado nos referenciais teóricos e, novamente, por poder testemunhar presencialmente diversas apresentações. No que tange ao impacto do texto e das experiências narradas no corpo das atuantes, pude perceber que, apesar de existirem momentos marcados para ações e um texto memorizado, cada apresentação e a atmosfera do público para interagir interferiam em como a emoção daquela dramatização – na qual narravam suas realidades e de suas famílias – era digerida por elas, onde as palavras de Marluce no começo traduz essa experiência: “Eu conto essa história como quem conta para si mesma”.

Não apenas nesse aspecto do corpo narrador trazer esse lugar da *familiaridade e domínio* para quem está nesse lugar da cena, ele também ajuda nessa conexão com o público presente. Pude testemunhar que reconhecerem essas vivências das apresentações como *verídicas* ajudava na conexão e no testemunho nos momentos de partilha com o grupo. Optando por esse lugar de “conversa” direta com o público, a partir de um monólogo, como já estava sendo feito, me mantendo de corpo atento para eles, seria a ligação propícia a ser feita, com o diferencial de que no *MaTRIarcadas* dependerá fortemente do meu caminhar pelo espaço cênico, para trazer o peso e o comprimento do fio conectado no meu pé até quem estiver assistindo – ao contrário do trabalho mencionado anteriormente, onde as atrizes permanecem sentadas em uma roda juntamente à plateia, na maior parte do tempo.

Apesar dessas delimitações a partir da pesquisa, optei por não deixar o texto *extremamente* marcado no quesito ações físicas, por meio da inserção de rubricas. Tendo em mente que buscava uma naturalidade nas minhas ações, defini que deixaria apenas momentos muito específicos – como o início e o fim da apresentação – com marcações do que deveria proceder no momento, além de ações com minha mãe e minha avó que seriam ensaiadas. De resto, existiam vislumbres do que poderia ocorrer, mas a sua realização não seria uma obrigatoriedade, dando uma liberdade maior e menos tensão para o meu corpo e também para as duas mulheres que me acompanhariam, onde se permitiria *sentir* um texto que parte de locais profundos e temáticas muito íntimas.

Com essas “não-marcações” acerca das ações em cena, durante as aulas e exercícios da disciplina Visualidades, e em apresentações como convidada para a mesma matéria, consegui realizar experimentações que não haviam sido planejadas. Em um instante específico, enquanto aguardava a finalização de um áudio que contém diálogos entre eu, minha avó e minha mãe, acidentalmente ele acabou sendo reproduzido duas vezes no manuseio de um colega. Previamente, depois de ter o fio amarrado no meu pé, ficava parada no centro enquanto o áudio era reproduzido para, em seguida, iniciar o monólogo da dramaturgia. Todavia, nesse momento acidental, passei a movimentar meu corpo como um *pêndulo* enquanto mantinha meus pés fixados no chão. O ato de experimentação a partir dessa liberdade que havia me permitido propiciou o *achado* de novas movimentações – e novas significações, com a carga da história sendo “apresentada” no início de uma forma diferente e colegas que assistiram comentarem especificamente sobre essa ação.

Com isso, os referenciais, experimentações e circunstâncias de cena, componentes e ensaios definiram para o *MaTRIarcadas* esse corpo narrador e “real”, despido de composição de personagem aparente para o espectador e com poucas rubricas na dramaturgia, exceto pelos momentos-chave mencionados. Diante dessas conceituações – e decisões que dariam o ensejo para o restante do trabalho mais prático –, pôde-se ter uma mentalidade mais assertiva da escrita, um planejamento de ensaio e de como se iria também “coordenar” e direcionar o trabalho de Ivana e Raimunda em cena – novamente considerando a realidade das duas mulheres, onde elas poderiam não ter uma vasta experiência em atuação, mas tem domínio de suas próprias histórias e conseguiriam lidar com a quantidade de cenas designadas para elas. Marcados esses aspectos de referências, visualidade e corporeidade, entramos na escrita dramática do *MaTRIarcadas*.

DRAMATURGIA

Uma senhora adentra a cena em passos calmos, mantendo a quietude do local, exceto pelas gravações de conversas paralelas sendo transmitidas. Trazendo consigo um novelo de lã, caminha até um poste posicionado no canto, colocando-o preso àquilo. Uma segunda mulher, mais jovem, chega logo depois, mimetizando seu trajeto inicial para puxar o fio do novelo, levando-o até os pés de uma terceira, ainda mais nova que a segunda, que se encontra parada no centro do palco. Amarra o fio em um dos tornozelos desta, que fica parada de frente para o público, corpo ereto e frio, igual das outras duas. Após o momento, duas se sentam em cadeiras no fundo, permanecendo somente a que está no centro do palco, em pé. Após um silêncio, inicia.

O que “iconiza” uma relação?

Uma experiência, um lugar, uma música... Tempo, costumes... Família?

A vida é feita de relações, com elas sendo criadas ou deixadas de lado. E uma vida é feita de outras vidas. Com histórias próprias, que reverberam por anos, décadas, gerações. Uma pessoa começa a marcar você.

Tem uma certa magia nisso — E, também, certo fardo.

Poder atestar que significa algo na vida de alguém, no existir de alguém. Quando falam que lembraram de você por algo, que pensaram em você. O que existe somente entre vocês. Carrega-se certa responsabilidade, queira ela ser assumida ou não. E, muitas vezes, não queremos assumi-las. Eu não quero assumir várias.

Mas tudo, no fim, se torna história. Se torna vida.

Cada vida possui seus percalços, suas maldições. Seus caminhos, suas libertações. E cada vida possui muitas outras vidas.

É aqui que eu me apresento. Me chamo Vida e, no momento, queria conversar. Na verdade, queria falar. Tenho 25 anos, nascida no dia 31 de outubro do ano 2000, em Belém do Pará. Atualmente, formada em publicidade e graduanda de Licenciatura em Teatro. Sou filha de

Ivana, do dia 4 de maio do ano de 1967. Uma administradora nata, em profissão e na sua vida. Ivana é filha de Raimunda – para os mais íntimos, Mundinha ou M.U. –, do dia 29 de setembro do ano de 1935. Professora que continua ensinando, de tantas formas.

Menciono seus nomes, porque o que eu quero compartilhar vai além de minha figura. Gostaria de contar também os percursos dessas duas mulheres. Que vieram, como tantas outras, antes de mim. Que viveram tempos antes deste. Que tornaram possível eu estar aqui.

Porque a vida é feita de relações. E experiências. Sejam elas fortes, ou não. Importantes para nós, ou não. Queiramos elas, ou não.

Caminhem comigo, agora, por um percurso Matriarcado.

Eu gosto da palavra. Matriarcado. Matriarcada. Talvez seja apenas uma ilusão ou tentativa de se encontrar um mínimo de diferente, mas não era incomum ouvir falarem que a minha família materna era bem centrada em mulheres, nas suas vivências e relações. Nas suas experiências.

E experiências são ditadas por diversos fatores. Emissão, recepção, além do resultado que também é proveniente de várias outras experiências que perpassaram um corpo. Se tratando do corpo de uma mulher, a história não deixa mentir que alcançamos muito, para ainda nos contentarmos com esse pouco. Eu sou uma mulher, criada nesse “novo milênio”. Não sei se posso me considerar uma figura à frente ou do meu tempo, mas uma mulher de um período. E, para que eu chegasse aqui, precisei de mulheres de seus tempos, quisessem elas mudar o mundo ou não.

Eu não acredito que minha mãe e minha avó queriam, verdadeiramente, mudar o mundo. Mas elas tornaram o que ele é, para mim.

Um.

Mundinha – minha avó – talvez seja a verdadeira personificação de uma rosa. Bela, se deseja imensamente ter por perto. Mas possui seus espinhos. Espinhos provenientes de uma

autopreservação. Ela possui o olhar mais doce que posso me recordar. Não existe nada comparado a conversar com ela e notar a atenção que ela deposita na interação – e o quanto ela também ama ter atenção para si.

Entretanto. Todavia. Porém...

Dona Raimunda também tem uma língua e mentalidade afiadíssima, que ela procura usar como voz de experiência. Elegante e posturada, expressar com veemência o que lhe desagrada não é um problema e nem algo que ela julga como imprudente, em nenhuma ocasião. O que nem sempre recai bem sobre os outros.

Dois.

Ivana Márcia é a quinta de uma fileira de seis filhos, sendo a segunda das três filhas de minha avó. Como o bom clichê de uma filha do meio, minha mãe repete bastante que “não foi a primeira, logo nenhuma novidade, e não foi a última, logo não fechou com chave de ouro”. Algo nesse sentido.

Sempre foi uma pessoa extremamente dada e comunicativa, cabeça de tramoias infantis e uma futura chacrete. O que não impedia que ela se sentisse, em ocasiões, esquecida pelos pais e, até hoje, faça comentários – por vezes em tom de chacota e para instigar revolta em Raimunda – sobre coisas que lhe magoaram. E, a partir disso, buscasse outras vias.

Três.

Vida é uma jovem adulta que, em dados momentos, se sente perdida quanto ao que fazer com a sua própria vida. Caçula do pai, caçula da mãe, duas irmãs mais velhas, três irmãos mais velhos, caçula de seis – todos de pais diferentes. Vontades, expectativas, cabeça que não para em nenhum momento e a superproteção de uma mãe que tem, nela, sua única filha mulher.

Se a existência de Ivana foi condenada à “maldição” de filha do meio, Vida foi “condenada” a viver com a redoma da mãe. Ao mesmo tempo que, similar a ela, se sentia um pouco distante do pai.

Existem diferenças e similaridades que norteiam vínculos e os moldam. E, muitas vezes, nem percebemos isso. Até que colocamos letras em um papel.

Sempre tive um papel de confidente para com minha mãe. Ser a única filha mulher proporcionou diálogos entre nós duas que não poderiam ser expressados com tanta profundidade para meus irmãos. Não gerariam o mesmo impacto.

Não poderiam.

É uma caixa de Pandora que eles não são capazes de abrir. E, caso abrissem, não conseguiriam acessar o que não são instigados a compreender.

Logo, fui socializada, desde criança, a ser uma escudeira fiel. Tanto por estar sempre acompanhando minha mãe, dividindo quarto com ela e meu pai – na falta de um para mim – e, em dados momentos, sendo uma espécie de conselheira.

Como não poderia? Era a única que conseguiria acessar esse local.

Escutei sobre sonhos. Frustrações. Amargores. Vivências. Escutei as lamúrias de uma mulher que, em diversos momentos, parecia voltar a ser uma criança, ou jovem, ao falar sobre as mais diversas lembranças.

No entanto, eu me considero uma boa ouvinte no geral.

Porque foram incontáveis as vezes que me encontrei sentada numa mesa com Raimunda, segurando peças de dominó ou cartas de baralho enquanto batalhávamos – com enorme seriedade. Os dominós eram por minha conta e a canastra por conta dela, que não aceitava as duras derrotas no primeiro e partia para a matança naquele jogo que era de seu domínio, do qual jamais consegui compreender a mecânica.

Foram nesses momentos em que eu mais a acessei. Acompanhem, agora, um pouco da descrição.

M.U. é uma competidora ferrenha. M.U. é uma mulher que nunca se mantém quieta durante o jogo. M.U. começa a cantarolar quando sua “mão está boa” ou se encontra em vantagem. M.U. cerra os dentes quando perde o controle da partida ou se vê encurralada. M.U. passa a, entre risadas, te chamar de “menina ingrata” e “antipática”, quando você vira o jogo. M.U. consegue retomar a liderança e volta a cantar com vigor – *Óropa, França e Bahia*. Ela nunca havia parado, para início de conversa.

E M.U. fala. Me conta suas histórias, me ensina a jogar enquanto compartilha suas canções mais queridas e antigas.

Discografia ilustre, inclusive. Vamos desde ratos ingratos vindos diretamente do inferno, até proposta de um rei para casar com sua filha. É um roteiro que pode se repetir inúmeras vezes, jamais reclamarei.

Minha avó foi uma cantora. Soprano de um coro da sua escola, fala de peito estufado sobre quando cantou no Theatro da Paz e sobre as fileiras de colegas nas suas práticas. E minha avó, sendo a professora que foi, sempre comenta, com uma gratidão e um fascínio que me iluminam, sobre sua professora de canto, que lhe passou as músicas que, hoje, também fazem parte da minha discografia.

Me conte uma história, pequenina vovozinha, vovozinha...

Dona M.U tem outra inspiração acadêmica. Com um brilho no olhar único, comenta sobre sua professora de geografia que ensinava tendo ao seu lado um globo. Ela girava e apontava para os países, e, naquele momento, Mundinha era diretamente transportada para um lugar distante, totalmente diferente de tudo que ela já tinha visto.

Não é de se surpreender que, hoje, ela possa competir de igual para igual com mochileiros tatuados em *Quantos Países Já Visitou*. Se existisse um programa de TV com tal temática, não haveria ser humano mais indicado para ocupar o cargo de apresentadora do que ela.

Seus relatos cobertos da paixão de quem mantém a visão de uma criança, ao adivinhar cada país presente no globo da professora. Paixão transmitida em falar das belezas da Holanda, Turquia e Marrocos, entre os demais fascínios que descobriu e guardou na coleção do seu próprio globo pessoal.

Mas essa coleção não começou cedo.

Raimunda só começou a viajar pelo mundo após determinada idade. O movimento em prol de sua independência e a realização de sua caminhada nos céus tardaria a vir. Seus próprios sonhos mais antigos e profundos demoraram para se tornar prioridade, em sua vida.

A senhora, de tamanha grandeza e imponentia num corpo de pouco mais de um metro e cinquenta para os olhos alheios, parecia não se dar tamanha estima.

Viveu para os outros – em especial, *O Outro*. Meu avô, José Maria.

Parece algo comum, no meu cerne familiar. Destinar o seu viver para outro alguém.

Minha mãe também demorou para viver para si. Dedicava-se para os filhos, trazendo seu pensar e suas preocupações com o que era referente a eles. E mesmo conseguindo se colocar como sua própria figura central – em determinados momentos –, ela ainda o faz. Dos seus 19 aos seus 59, Ivana Márcia é a definição de *mãezona*.

Não existe pessoa que a conheça, conheça sua dedicação aos filhos e que negue tal alcunha. E nem foram poucas as vezes que fizeram questão de ressaltar isso.

Apesar de seus dois casamentos, Ivana sempre proferiu e exaltou – em alto e bom tom – o amor pelos seus três filhos. Seu orgulho e felicidade ao falar com e sobre cada um deles é

algo impossível de replicar com exatidão. E ela afirma, categoricamente, que estes são os amores de sua vida.

Consigo recordar – parcialmente – de vários momentos em que essa frase era dita como o maior gesto de sinceridade do mundo: “não existe algo que eu ame mais do que vocês”.

No meu caso, me pego constantemente olhando para várias pessoas do meu entorno que *me* significam muito. Não é incomum, na minha vivência, constantemente me colocar em segundo plano e negligenciar o que sinto, em prol de outros. E isso é algo que aprendi a reconhecer agora – em uma tentativa de mudar.

Por vezes, me sinto só em meio a isso. Vejo esforços que faço, situações que vivo, vínculos que crio e me sinto só.

É como se minha existência, por mim mesma, não me bastasse. Ou como se esse exercício de individualidade fosse algo injusto de se fazer, com as demais pessoas.

Eu não gosto de ser egoísta ou de deixar os outros desamparados, de qualquer forma. O conceito de pensar, primeiramente, nas minhas vontades e no que eu *desejo* me parece algo distante e estranho. E a ideia de não pensar nos outros me coloca em uma sala branca, infinita e sem ninguém ao meu redor.

Não sei se isso é algo que deveria sentir.

E me pergunto se isso é algo que minha mãe e minha avó também sentem, em meio a devoções e amores que tiveram – ou têm – ao longo de suas vidas. Se sim, não acho justo com elas.

Solidão do não viver para alguém.

De onde isso vem?

Como pode ser que essa experiência em primeira pessoa, de alguma forma, ainda se destina pro que os outros desejam ou querem de você? – Onde a sua vida não é mais sua. Onde seus sonhos não são mais seus.

Eu tenho sonhos. Pelo menos, acredito ter, apesar de raramente realizá-los. Na verdade, tenho tantos sonhos que, às vezes, nem sei qual será prioridade em realizar. Alguns sonhos eu já larguei, outros criei mais recentemente. Acredito ser uma constante, para muitas outras pessoas.

Já quis ser tenista, jornalista esportiva, dubladora, fotógrafa, cantora...

Uma outra constante é que, independente do que eu quisesse, minha mãe *sempre* me apoiou. Em contrapartida, meu pai expressou diretamente o desejo de que eu fizesse direito – Com todo respeito aos advogados, *não*.

Definitivamente não.

Lembro até hoje de ter silenciosamente preenchido a opção de *Teatro* na UFPA e só contar depois para minha mãe o que havia feito. Um pouco chocante, mas ela entendeu.

Meu pai? Posso dividir em dois momentos...

Começa a tocar a marchinha de vestibular do Pinduca.

“Vida passou na Federal!”

Em meio à comemoração, música vai diminuindo aos poucos.

“Em Licenciatura em Teatro...”

Silêncio na sala.

Ele nem sequer veio comemorar comigo.

Acredito que ele tenha ficado um pouco aliviado – não totalmente satisfeito – por eu também ter decidido fazer Publicidade. Não chegava a ser o sonho dele, de ser um curso de Direito, mas parecia ser algo mais “sólido”. Ainda assim, um pesadelo para um senhor que, em qualquer posicionamento contrário meu, me chamava de *esquerdista*.

Mas eu não teria a coragem de ter feito isso se não fosse a minha mãe. Mesmo tendo se casado para sair do controle do meu avô, ela ainda sentia a pressão dele. Tanto que, mesmo hoje afirmando que deveria ter cursado Educação Física, cedeu aos desejos do seu pai e cursou Administração.

Ela diz ter feito “por fazer”. Repudia tanto o curso que, ao me ver colocando Administração como segunda opção de resultado, fez uma careta digna de comida azeda. Eu a tranquilizei, comentando que não tinha a intenção de cursar.

Enfim, senti que ela fez por mim o que não foi feito por ela. E sou extremamente grata por isso.

Para a minha avó, a palavra “educação” é quase um sobrenome, sendo exímia professora de português. Apesar disso, ela não teve lá grandes ambições durante sua vida. “Ambições”, que eu digo, no sentido da irmã *ativamente* acadêmica ser sua caçula, que até conseguiu um doutorado nos Estados Unidos.

Mas não tem problema.

Porque Dona Raimunda teve um *encontro* com o *acaso* e *destino*. Em um dia pacato, indo acompanhar sua cunhada Maria com um telegrama, adentrou o – até então – prédio do MEC e lá se encontrou. Olhando para aquele edifício enorme, proferiu seu desejo de trabalhar lá. E trabalhou.

M.U reconheceu uma antiga professora sua, agora delegada no local, que na mesma hora expressou o interesse de a ter contratada lá, na merenda escolar. Assim, Raimunda Xavier de Amorim trabalhou por longos, longos anos naquele local. Viajou pelo Brasil e, assim,

começou a realizar os *sonhos* daquela sua antiga criança, que olhava – atenta – o globo terrestre de sua professora de geografia.

Décadas depois, foi esse mundão que antes cabia no seu abraço, em uma sala de aula.

Tantos lugares. Tantas memórias. Pequenas pegadas de uma grande mulher espalhadas pelo mundo. De vez em quando, gosto de pensar nessa imagem, com seus passos brilhando pelo mundo.

Hoje, esse antigo prédio do MEC é a Escola de Teatro e Dança da UFPA, onde estudo, desde o ano de 2019. Não fazia ideia dessa curiosidade quando entrei aqui, e quando descobri... foi como se tivessem aberto um portal na minha mente. E aquelas longas escadarias eram resquícios de memórias. Nelas, eu consegui enxergar esses mesmos passos brilhantes que decoram o mundo.

Muitos passos me separam de minha avó e minha mãe hoje. Dona M.U continua no seu universo pessoal e adorado na Vila do Apeú, no seu tempo, na sua calmaria. Dona Ivana foi até Portugal, se casou novamente. Hoje, vive da maneira que sempre quis.

Vejo passos adornando o mundo. Fios longos percorrendo lugares, estradas, passando por alguns lugares iguais, outros diferentes.

Terminei as cartas do vivo.

Vida se agacha em cena. Raimunda se levanta da cadeira.

No decorrer destes meus noventa anos, posso dizer que tenho vivido um pouco das situações inerentes à vida de todo ser humano, podendo afirmar que o Universo tem sido muito *benevolente* comigo.

Casei com a pessoa que amava e dessa união nasceram seis filhos: três homens e três mulheres (mais uma de coração) que me deram a honra de me tornar avó dezesseis vezes. Como professora que fui, tive a oportunidade de conviver com crianças e adolescentes, podendo afirmar que tanto *ensinei* como também *aprendi* com eles.

Tive a felicidade de conhecer mais de vinte países em minhas viagens mundo afora, me encantando com uns, com outros nem tanto, mas sempre apreciando as oportunidades de conviver com diferentes pessoas, culturas e histórias.

No momento, o que mais faço é ler, resolver caça-palavras, cuidar de minhas plantas, administrar minha casa e *escrever o que vem a minha cabeça*, como memórias de infância e do decorrer de minha longa vida, em forma de narrativas ou de poesias.

Como moro em um sítio bem grande, muito bonito e com diversidade de árvores frutíferas, se torna fácil para pássaros construírem seus ninhos. Outro dia, andando por entre arbustos repletos de flores, aconteceu algo inusitado: um passarinho saiu voando de um buquê de *bougainville*. Fiquei espantada porque,

por um triz, o bichinho quase bate em minha cabeça.

Passado o espanto, fui olhar de onde o tal passarinho tinha voado e, pasmem: tinha um *ninho* no meio das flores e, o mais interessante, *dois ovinhos* haviam sido *amorosamente* depositados ali.

Fiquei felicíssima por ter vivenciado este momento e *agradei a Deus* pela vida extraordinária e repleta de surpresas agradáveis que experimento todos os dias.

Raimunda se senta na cadeira. Ivana, agora, é quem se levanta.

Nasci a quinta filha de seis irmãos e costumava dizer que era o *rabo do rabutalho*. Filha da Mundinha e do Zé, eu simplesmente amava pertencer àquela família.

Papai era austero. Mamãe, silenciosa. Nunca me lembro de tê-la visto gritar com ninguém. Apesar de ser a quinta filha, fui a que mais mamou. Minha mãe adorava contar que eu pegava um banquinho para ela sentar e, assim, poder continuar mamando na sua “tutuca”. Papai não gostava nada daquilo e brigava com ela sempre que podia. Ela fingia que não ouvia

e continuava me dando o peito. Hoje percebo que aquele era um dos muitos jeitos dela de amar.

Tive a melhor infância e adolescência que alguém poderia desejar. Cresci cercada de irmãos, primos, amigos e vizinhos. Nossa casa vivia cheia de gente, de risadas e de confusão. Era uma algazarra constante. De vez em quando o pau comia, claro. Afinal, não devia ser nada fácil para os meus pais criarem seis pestinhas cheios de energia e vontade própria.

Casei muito cedo com o meu primeiro namorado. Talvez porque quisesse um pouco mais de liberdade, já que papai mal nos deixava sair. Talvez porque sonhasse em mandar na minha própria casa. Lembro de pensar que, quando me casasse, poderia comer um queijo inteiro se tivesse vontade e ninguém me diria que não.

Vai entender uma menina que *casa* por causa de um *queijo*. Mas era verdade.

Aos 19 anos nasceu o Bruno. Aos 22, o Rafael. Tornei-me mãe sem fazer ideia do que aquilo realmente significava, mas fui aprendendo enquanto vivia. E eu amava aqueles dois meninos com uma intensidade que nem sabia que existia. Eu me sentia completamente realizada. Tinha dois

garotos lindos. Um dia, um já estaria com 14 anos e o outro com 11. Eu olhava para eles e pensava: pronto, minha família está completa. Além disso, meu médico – que por acaso também era meu cunhado – praticamente tinha decretado que eu jamais voltaria a engravidar. Segundo ele, eu era tão cheia de aderências que seria uma *missão impossível* um espermatozoide conseguir chegar ao ovário.

Pois bem...

No meio de tantos, houve um bem esperto, ágil, veloz e destemido que resolveu provar que a medicina não sabe tudo. Um tão ávido por viver que não houve aderência capaz de impedi-lo.

Eis que descobro que estou grávida. Eu não acreditava. Até me achava *velha* para aquilo. Imagine só, tinha apenas 33 aninhos.

E então aconteceu uma coisa curiosa...

Com apenas dois meses de gestação, eu sonhei com ela. Uma menina tão linda, mas tão linda, que acordei sem qualquer dúvida: era a minha filha.

A partir daquele dia comecei o enxoval. Tudo rosa. Com direito a laços, rendas,

frufus e toda a delicadeza que uma mãe apaixonada consegue imaginar. A princípio ela se chamaria Valentina, mas não sei por que cargas d'água esse nome causou um verdadeiro rebuliço. Todo mundo resolveu dar opinião onde não tinha sido chamado.

Até que um dia eu estava deitada numa rede no sítio da minha mãe, com aquele barrigão enorme de quase nove meses. Falei alguma coisa para meu então marido e ele respondeu:

– O quê, Vida?

Pronto. Foi ali. Sem votação popular. Sem pesquisa de mercado. Sem palpite da família. O nome dela seria Vida. E Vida ela foi.

Vida chegou deixando a minha vida mais cheia de vida. Mais colorida. Mais musical. Mais alegre. Mais leve. Muito mais feliz. Os irmãos ficaram completamente apaixonados. Eram tantos beijos, abraços e carinhos que eu me perguntava como aquela menina não gastava igual borracha.

Minha filha é um ser de outro mundo. Com ela aprendo todos os dias. Uma das minhas maiores saudades é dos nossos momentos na cozinha, preparando o almoço e cantando juntas nossas músicas preferidas.

Mas antes da Vida nascer, muita coisa aconteceu. Eu me sentia a rainha da casa por ser a única mulher.

Ah, como eu era iludida...

Eu era a mãe, a cozinheira, a faxineira, a motorista e a responsável por tudo. Deus me livre se houvesse uma poeirinha esquecida em algum móvel.

Nunca saía para me divertir. Nunca fazia as unhas. Raramente comprava uma roupa para mim. Quem continuava me vestindo era minha mãe. Foi ela também quem pagou minha faculdade.

A Ivana foi ficando para depois.

E um casamento que começou por causa de um queijo dificilmente teria um final diferente.

Terminou no sétimo ano. *Graças a Deus.*

Então lá fui eu novamente, com mala, cuia e dois filhos, de volta para a casa dos meus pais. E foi aí que eles foram impecáveis. Papai transformou-se no avô mais apaixonado do mundo, mamãe tornou-se a melhor avó que meus filhos poderiam ter.

Bruno e Rafael cresceram cercados de amor, segurança e afeto. Tenho certeza de que tiveram uma infância tão feliz quanto a minha.

Mais tarde encontrei novos caminhos. Casei novamente. Depois me casei pela terceira vez. Mudei de país. Construí uma nova vida. Hoje moro *longe* daquela menina que sonhava em comer um queijo inteiro sem dar satisfação a ninguém. E, sim, hoje eu posso comer um queijo inteiro se quiser. Mas a verdade é que trocaria esse queijo e muitos outros por um café despretensioso numa tarde qualquer com os meus filhos.

Por uma mesa cheia. Por um abraço apertado. Por aquelas risadas que preenchiam a casa quando eles eram pequenos.

Porque, no fim das contas, a vida me deu muito mais do que eu sonhei. Deu-me três filhos extraordinários. E foi através deles que tive uma das maiores certezas da minha existência: Eu nasci para ser mãe.

Hoje eles seguem os seus próprios caminhos, construindo as suas próprias histórias. E eu tenho um orgulho que não cabe dentro do peito quando olho para quem eles se tornaram.

Ah, meus filhos... Que bom que vocês escolheram ser meus. Meu coração pulsa mais feliz todos os dias simplesmente porque tenho o privilégio de ser mãe de vocês três.

Com todo o amor do mundo.

Ivana volta a sentar na cadeira. Vida olha para o público.

Agora eu compro o morto, vó?

Se levanta do chão.

Jogar canastra com a minha avó deve ser um dos maiores atos de *falta de autopiedade* da minha parte. Digo isso porque, em sei lá quantas partidas jogadas, eu devo contar na palma de uma única mão as vezes em que eu ganhei. E minhas derrotas são absolutamente *trágicas*.

Ela é uma mestre, um arauto, absolutamente *ninguém* está acima, na minha cabeça. E eu sinto como se todas as vezes que reiniciamos o jogo, eu me esqueço das regras ou descubro – no meio da partida – uma regra nova.

E isso já gerou uma situação que...

Talvez eu e dona M.U tenhamos tido uma discordância em meio a uma disputa, recentemente. Me senti levemente prejudicada por descobrir uma regra que retirou a minha vitória, e ela colocou seus pontos alegando que eu já conhecia sim. Após darmos nossas opiniões – e chegarmos a lugar *nenhum* com isso –, continuamos a partida. Emburradas, em silêncio, apenas falando para confirmar ser nosso turno. Extremamente magoadas uma com a outra, quase que traídas.

Era uma sequência de...

“É a minha vez?”

Seguidos de...

“Uhum.”

Um território totalmente novo para duas pessoas que costumavam decorar suas partidas com variadas canções e provocações saudáveis entre adversárias que compartilhavam um respeito mútuo e antigo, lapidado por vários confrontos anotados num caderno.

Sinto que eu conheci, brevemente, a Raimunda que minha mãe e meus tios mencionavam como uma figura mitológica antiga. Aquela que, ao se comparar com minha mãe em uma conversa entre nós duas, se intitulou de “mais severa” que ela.

Após mais uma vitória de M.U, arrumamos as coisas em silêncio e fomos dormir – cada uma no seu canto. No meu peito, tinha um aperto estranho. E também era como se tivessem me dado para comer abacate, cebola, bacuri, cupuaçu... tudo junto.

Para contextualizar vocês, eu não gosto de nenhuma dessas coisas mencionadas.

No dia seguinte, ainda em meio a um temor, fomos tomar café. E nós rimos. Rimos de toda a situação e de como tivemos a nossa relação marcada por uma mini Guerra Fria de oito horas – tempo que dormimos. Contamos para as outras pessoas, que riram de nós, com nós...

Foi uma situação verdadeiramente atípica, para mim. Nunca imaginei me ver em um cenário daquele tipo, com minha avó.

Debates e discordâncias com minha mãe já são mais frequentes. Com o chegar de novos anos para a minha vida, comecei a me tornar mais opinativa, e isso não era algo que – em alguns momentos – contribuía para um lar mais harmonioso.

Ficava indignada com minha mãe quando ela alegava que, por eu ser a única filha, deveria ser quem mais a apoiava nas suas demandas na casa. *Mas não mesmo*. Por que tinha que ser só eu? Por que as cobranças eram só comigo, mesmo eu sendo a mais nova?

Também comecei a dar meus cinco centavos em variados assuntos: família, políticos, o que estivessem falando na minha frente...

Ou o que aparecesse. Em uma ocasião específica, durante um aniversário de família, meu tio – irmão de meu pai – fez um grande quadro, com fotografias de todos os membros da família. Todo mundo estava lá. E eu, pequena, devia ter por volta de meus quatro anos, fui olhar. Analisei aquele quadro inteirinho.

Até que percebi que faltava uma pessoa. *Minha mãe*.

Tinham colocado uma foto minha com a ex-esposa do meu pai, mãe dos meus irmãos. Mas *minha mãe* não estava lá. Perguntei por ela.

Talvez isso tenha gerado uma grande confusão na festa.

E talvez, desde bebê, eu trouxesse um pouquinho de caos para a cena. Talvez eu *realmente* não tivesse contribuído para um lar mais harmonioso.

Não era algo proposital da minha parte, apenas acontecia que eu calhava de ter olhos, boca, cabeça. Na minha adolescência, eu calhava de discordar mesmo – o que já bastava para ter determinados olhares e comentários de desaprovação do meu pai, que me chamava de “Geração Malhação”.

Eu nem assistia Malhação, na época.

Em muitos desses momentos, minha mãe me pedia, encarecidamente, para segurar a língua, numa tentativa de evitar conflitos entre eu e meu pai. E eu não compreendia por que não podia comentar sobre o que achava certo ou errado.

Nesse meio tempo, comecei a sentir esse desgaste em nossa relação – minha e de meu pai. Sentia que, independente do que eu fizesse, não seria ou me tornaria suficiente. Então também comecei, aos poucos, a largar de mão.

Minha mãe sentiu isso, soube disso. Diretamente por mim. Discutia com meu pai por minha causa, me defendia. Mas, ainda numa tentativa de chegar de jangada até duas pessoas que dividiam uma única bóia no oceano, me repetia incessantemente:

Ele é o único pai que tu tens. Quando ele se for, vais sentir falta. De fato, sinto.

Sempre senti esses temores da minha mãe virem de um lugar muito profundo. E isso me foi confirmado, quando ela me comenta da perda de seu pai, meu avô. Uma relação também marcada por conflitos, discordâncias... mas que deixou falta.

Sendo uma filha extremamente censurada por meu avô, Ivana casou aos 17 anos com o seu – até então – único namorado, numa tentativa de se livrar de amarras que encontrava em casa.

Ainda assim, havia um domínio quase silencioso que operava na sua vida. Surgiram novas amarras, colocadas nela através dos anos.

O esposo, um homem uma década mais velho que ela, havia mudado de temperamento. Após o primeiro filho, começou a falar mal do seu corpo. O seu lar, também habitado por seus sogros, não parecia ser seu. Sua sogra constantemente deslegitimava sua maternidade – e competência no âmbito.

E até quando parecia encontrar algo para si, isso era tirado dela.

Minha mãe sempre foi considerada uma mulher muito bonita. Quando mais nova praticava GRD, era uma excelente dançarina, recebia comentários a comparando à atriz Julia Roberts ou era chamada de “garota do *Flashdance*”, tamanha similaridade com a protagonista do filme, coincidentemente também uma dançarina.

Durante um tempo, começou a desfilar e brilhar na passarela. Até consigo ver, no cantinho da minha mente, aquela mulher que adorava brincar de chacrete quando criança encantando as pessoas como modelo.

Só que não durou muito.

Seu marido, provavelmente numa crise de ciúmes, quando viu aquilo inventou para meu avô José Maria que as modelos mulheres supostamente trocariam de roupa na frente dos homens. Assim, a carreira de modelo da minha mãe, que mal havia começado, veio a acabar.

O casamento também não durou muito mais. Aos 23 anos de idade, minha mãe era uma mulher divorciada e com dois filhos. Quase três anos mais jovem do que eu sou hoje.

Minha avó nunca se divorciou. Até teve outros namoros, mas casou com seu único amor, seu *Príncipe Encantado* com quem trocava olhares em ônibus e paradas, e viveram juntos até a morte do meu avô.

Uma história marcada por flertes longos, visitas com consentimento da família, da certeza que não iria enjoar da cara dele... mas não foi uma união de apenas flores.

Só de querer *trabalhar*, já era o suficiente para gerar uma discordância entre os dois. Na primeira vez que quis trabalhar, eles tiveram que terminar o namoro, reatando depois de 2 anos, depois de meu avô levar uma bronca de sua mãe e ir atrás, garantindo estar de acordo com as condições de minha avó. Num primeiro momento, ela também hesitou em trabalhar na merenda escolar do MEC por seu marido ser, nas palavras da própria, “muito enjoado”.

De acordo com Zé Maria, ele “confiava nela, mas não nas outras pessoas”. Leia-se, *homens*.

Implicou com as viagens dela – a trabalho – pelo Brasil. Implicou com o peixe que ela comprou, porque era diferente do que ele gostava de comer – que não tinha no dia, no mercado. Chegando até a ser agressivo.

Nessa segunda situação, ela atingiu tanto o seu limite que, com o ensinamento de sua sogra, jogou água quente nele. Ela, que se julgava tão permissiva. Ele, que nunca mais voltou a testar sua paciência daquela forma.

Não é incomum também ouvir de *puladas de cerca* e de homens da minha família serem mulherengos. Ou outros momentos onde ocorreu muito sofrimento. Ambientes contaminados. Parecia que tudo ficava cinza.

Algumas situações que eu mesma posso contar.

Não queria destrinchar isso aqui. Nem nomes que conheço. Alguns nem sequer têm rostos, parecem apenas fantasmazinhas que voltam em histórias antigas.

Só penso muito mesmo.

Por que eles são assim?

Eu queria entender, do fundo do meu coração. Eu queria que teses, teorias, estudos, que tudo isso conseguisse saciar a *raiva* que eu sinto, quando escuto essas histórias.

Saber o quanto algo pode estar embrenhado dentro de alguém a ponto de impor uma jaula a outra pessoa, dessa forma. Com quais argumentos alguém pode se justificar, normalizar.

A minha frustração de ouvir sonhos sendo interrompidos. De saber de imposições ridículas. De ver anulações completas. O que normaliza?

Alguns podem dizer *tempo*. Outros podem dizer *lugar*. *Costumes*. *Família*.

Dói saber dessas histórias. *Indigna*. *Frustra*. *Dói* quando *elas mesmas* justificam essas situações. Me contam em lamentos e aceitações. Ainda não cheguei nessa fase.

Momento de silêncio.

Talvez, em algum lugar no fundo do meu coração, eu acredite que minha mãe e minha avó queriam mudar o mundo. Os *seus* mundos. Talvez de um lugar que elas nem mesmo soubessem. Talvez...

Eu não queria ser *obrigada* a mudar o mundo.

Novo momento de silêncio.

O que “íconiza” uma relação?

Falei isso no início, dei tantas possíveis respostas para algo que ainda não sei ao certo. Vou contar algo legal agora. É um *pequeno orgulho*, particularmente.

Nessa onda de definição do meu nome, meu pai quis fazer uma coisa que até hoje me deixa meio “encucada”. Na minha certidão, além do Amorim e do Khayat, ele falou com minha mãe que também queria colocar o sobrenome de *solteira* da minha avó Raimunda.

Com isso, eu fiquei Vida *Xavier* de Amorim Khayat.

Eu acho *curioso*, porque meu pai é de família libanesa, onde o costume – que se repete com alguns parentes meus – é de se ter o nome e o sobrenome apenas do pai. No meu caso, tenho dois da minha mãe.

E sou a única neta a ter o de minha avó.

Confesso que, de vez em quando, esqueço disso. Me acostumei a utilizar o Amorim, assim como meus irmãos por parte de mãe e muitos de meus primos da família materna. Também me acostumei com perguntarem *bastante* do motivo para não assinar com o sobrenome de meu pai. Já até chegaram a perguntar se eu *não tinha* pai.

Mas o Xavier está lá. *Vida Xavier*. Assim como o de Ivana. Assim como o de Raimunda.

Tenho muito orgulho de *carregar* isso comigo.

Novo momento de silêncio.

Vou me tornar repetitiva, acho.

E agora? Não sei mais...

Vida olha para o fio amarrado no seu tornozelo. Torna para frente, onde uma tesoura está posicionada no chão. Pega a tesoura e corta o fio do seu comprimento, mas mantendo-o em seu corpo. Se ajoelha para formar um laço. Após isso, se levanta, torna a olhar para a plateia e sai andando, até sair da sala.

As duas outras mulheres vão andando de mãos dadas até o centro e reverenciam o público. Fim de cena.

REFERÊNCIAS

BEI, Aline. **Uma Delicada Coleção de Ausências**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

GOMES, Karina Sérgio. A franqueza e o compromisso ético de Anna Maria Maiolino. **Neofeed**, 2022. Disponível em: < <https://neofeed.com.br/finde/a-franqueza-e-o-compromisso-etico-de-anna-maria-maiolino/> >. Acesso em: 22 jun. 2026.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEITE, Janaina Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

VIEIRA, Bruno. Moiras: As Irmãs que determinavam o destino. **Mitologia e Fantasia**, 2016. Disponível em: < <https://mitologiaefantasia.wordpress.com/2016/07/23/moiras-as-irmas-que-determinavam-o-destino/> >. Acesso em: 22 jun. 2026.